

# A Produção do Conhecimento Geográfico

Ingrid Aparecida Gomes  
(Organizadora)



 **Atena**  
Editora

Ano 2018

Ingrid Aparecida Gomes  
(Organizadora)

# A Produção do Conhecimento Geográfico

Atena Editora  
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento geográfico [recurso eletrônico] /  
Organizadora Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR):  
Atena Editora, 2018. – (A Produção do Conhecimento  
Geográfico; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-78-9

DOI 10.22533/at.ed.789181211

1. Ciências agrárias. 2. Percepção espacial. 3. Pesquisa agrária  
– Brasil. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 630

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A obra *“Abordagens teórico-metodológicas no âmbito da Ciência Geográfica Agrária”* aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seu I volume, apresenta, em seus 15 capítulos, são discutidas diferentes vertentes das Ciências Agrárias, com ênfase na Geografia Agrária.

A Geografia Agrária engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento da agricultura, bem como o aumento produtivo e melhorias no manejo e preservação dos recursos naturais.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia Agrária, refere-se a um a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras e etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo, e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação de trabalho, mas também são incluídos fatores econômicos, naturais, tecnológicos e gênero.

Neste sentido, este volume dedicado a Geografia Agrária, apresenta artigos alinhados com a produção agrícola, conservacionismo, tecnologia, turismo rural, cultura e relações de gênero no campo. A importância dos estudos agrários é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos geógrafos em desvendar a realidade dos espaços rurais, bem como entender as distintas relações do campo com o capital.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
NOVAS TERRITORIALIDADES NA FRONTEIRA PANDINA BOLIVIANA: A PAN – AMAZÔNIA EM CONFLITO	
<i>Francisco Marquelino Santana</i> <i>Josué da Costa Silva</i>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>16</b>
REFORMA AGRÁRIA, ASSENTAMENTOS RURAIS E PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO NO LITORAL SUL DA BAHIA	
<i>Hingryd Inácio de Freitas</i> <i>José Levi Furtado Sampaio</i> <i>Guiomar Inez Germani</i>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>26</b>
AGRICULTURA E ECONOMIA ESPACIAL EM MOSSORÓ/RN: DINÂMICAS E ESPECIFICIDADE REGIONAL.	
<i>Alexandre Alves de Andrade</i>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>36</b>
CENTRO E CENTRALIDADE URBANA EM VÁRZEA GRANDE/MT NO PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA DA AGROPECUÁRIA DE MATO GROSSO	
<i>Rosinaldo Barbosa da Silva</i> <i>Nelba Azevedo Penna</i>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>46</b>
GEOGRAFIA DA AGROINDÚSTRIA DE SOJA ARGENTINA E OS IMPOSTOS ÀS SUAS EXPORTAÇÕES.	
<i>Pablo Martin Bender.</i>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>58</b>
O SISTEMA DE INDICADORES DE POTENCIALIDADE COMO MODELO DE ANÁLISE DAS (RE) CONFIGURAÇÕES TERRITORIAIS DA PRODUÇÃO ORGÂNICA NO AGRESTE CENTRAL DE SERGIPE	
<i>Cléane Oliveira dos Santos</i> <i>Rosemeri Melo e Souza</i>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>72</b>
AS PAISAGENS VITÍCOLAS NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL: O CASO DO VALE DOS VINHEDOS E DA CAMPANHA GAÚCHA	
<i>Vinício Luís Pierozan</i> <i>Vanessa Manfio</i>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>84</b>
OS TERRITÓRIOS DO VINHO DA CAMPANHA GAÚCHA E DO VALE DOS VINHEDOS, BRASIL: ENTRE O TRADICIONAL E OS MODERNOS VINHEDOS	
<i>Vinício Luís Pierozan</i> <i>Vanessa Manfio</i>	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>98</b>
SABOR ARTESANAL: O TURISMO CERVEJEIRO COMO FENÔMENO ESPACIAL EM RIBEIRÃO PRETO - SP	
<i>Alex Rodrigues De Oliveira</i>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>107</b>
CONSIDERAÇÕES SOBRE A TECNOLOGIA DAS EMBALAGENS CARTONADAS NA CADEIA PRODUTIVA DE LEITE NO BRASIL: DO LOCAL AO GLOBAL	
<i>Bruno M. C. de Albuquerque</i> <i>Jacob Binsztock</i>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>123</b>
O SETOR DE SEMENTES NO BRASIL E SUA CONTRIBUIÇÃO NA MODERNIZAÇÃO DOS TERRITÓRIOS RURAIS NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX	
<i>João Luciano Bandeira</i>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>133</b>
DESAFIOS PARA A CONSERVAÇÃO DAS SEMENTES CRIOULAS	
<i>Maria Angela Comegna</i>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>143</b>
CAFEICULTURA EM RONDÔNIA: MODERNIZAÇÃO E SUBORDINAÇÃO AO MERCADO	
<i>Tiago Roberto Silva Santos</i> <i>Ricardo Gilson Da Costa Silva</i>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>153</b>
A AGRICULTURA DE PRECISÃO E AS RELAÇÕES DE GÊNERO	
<i>Tainara Bruna Montagna</i> <i>Roseli Alves dos Santos</i>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>162</b>
AS MULHERES E A AGRICULTURA FAMILIAR: O CASO DA LOCALIDADE DE PICADA FELIZ, NO MUNICÍPIO DE SÃO LOURENÇO DO SUL – RS	
<i>Caroline Tapia Bueno</i>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>172</b>

## CAFEICULTURA EM RONDÔNIA: MODERNIZAÇÃO E SUBORDINAÇÃO AO MERCADO

**Tiago Roberto Silva Santos**

Instituto Federal de Rondônia  
Cacoal - RO

**Ricardo Gilson Da Costa Silva**

Universidade Federal de Rondônia, Departamento  
de Geografia  
Porto Velho - RO

**RESUMO:** O estado de Rondônia é o principal produtor de café na Amazônia, além de estar entre os maiores do país. Essa atividade tornou-se uma das principais para os agricultores familiares, promovendo constante transformação espacial. Atualmente, a partir de 2010, um processo de modernização técnica tem sido desenvolvida a partir da atuação de agentes do círculo de cooperação, contribuindo para maior espacialidade da atividade no circuito espacial de produção do café. A atuação desses agentes tem contribuído com a subordinação dos agricultores familiares ao mercado, principalmente com o Estado atuando como um agente do capital. Como forma de livrar-se dessa subordinação, uma alternativa aos agricultores seria a organização coletiva, atuando com maior autonomia e protagonismo dentro do circuito espacial de produção do café.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cafeicultura; Circuito Espacial de Produção; Modernização;

**ABSTRACT:** The state of Rondônia is the main producer of coffee in the Amazon, besides being among the largest in the country. This activity has become the main one for the family farmers, promoting constant spatial transformation. Nowadays, since 2010, a process of technical modernization has been developed based on the work of agents of the cooperation circle, contributing to increase the spatiality of the activity in the circuit of coffee production. The performance of these agents, however, has contributed to the subordination of family farmers to the market, especially because the state has been acting as an agent of capital. As a way to avoid this subordination, an alternative to farmers would be the collective organization, acting with more autonomy and protagonism within the circuit of coffee production..

**KEY-WORDS:** Coffee cultivation; Production Space Circuit; Modernization;

### 1 | INTRODUÇÃO

A formação socioespacial de Rondônia contribuiu para a transformação do meio natural de práticas extrativistas para um meio técnico, com a introdução da agropecuária voltada ao mercado, em meio a floresta Amazônica. Esse processo promovido pelo governo militar na década de 1970, acelerou o avanço da frente

pioneira, integrando a região ao restante do país através de eixos rodoviários, que favoreceram o fluxo populacional e de mercadorias.

Diante desse cenário de (re)organização espacial e a introdução de uma nova dinâmica econômica em Rondônia, o café passou a ser um dos principais produtos da agricultura familiar na região, sendo que atualmente devido a participação de agentes do círculo de cooperação, essa atividade tem passado por um processo de modernização técnica, participando do circuito espacial de produção e tornando os agricultores cada vez mais sujeitos aos interesses do mercado.

Propomos para esse texto uma análise sobre o desenvolvimento da cafeicultura em Rondônia e a organização social dos agricultores familiares diante do mercado capitalista, dessa forma, além dessa introdução e da conclusão, esse texto está organizado em duas partes. Na primeira parte, propomos a análise sobre a formação socioespacial de Rondônia, a introdução da cafeicultura e sua respectiva modernização técnica, que tem resultado na formação de regiões produtivas especializadas na cafeicultura. Na segunda parte, discutimos como a inclusão da agricultura familiar no circuito espacial de produção do café, através dos agentes do círculo de cooperação tem subordinado esse grupo social aos interesses do capital, participando como coadjuvantes dentro desse circuito, apesar de sua importância como produtor de matéria-prima.

## **2 | FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DE RONDÔNIA E A MODERNIZAÇÃO DA CAFEICULTURA**

Localizado na região norte do Brasil e compondo a Amazônia Legal, o estado de Rondônia passou por grande processo de transformação socioespacial a partir da década de 1970, através do Projeto de Integração Nacional – PIN, promovido pelo governo militar. Esse projeto visava ampliar a área de ocupação sobre a floresta amazônica, integrando essa região às demais áreas do país (SILVA, 2010).

Até o início da década de 1970, a organização territorial de Rondônia tinha o predomínio do *meio natural*, com práticas extrativistas de subsistência e pouco incremento técnico, a partir da colonização dirigida pelo Governo Federal, há uma transição para o *meio técnico*, com a introdução de novas práticas, como a produção agropecuária de mercado (SANTOS, 2014; SILVA, 2010; 2014).

Com essa intervenção através do PIN, a dinâmica amazônica se transforma com a inserção de migrantes camponeses oriundos de outras regiões do país e já integrados à produção voltada ao mercado, além do mais, fortalece as ações do capital na organização espacial, ampliando sua área de atuação sobre a fronteira (AMARAL, 1998). Além desse projeto de colonização, que visava reduzir as tensões agrárias por acesso à terra no Centro-Sul do país, o PIN também integrou a região amazônica à outras regiões do país com a construção de rodovias, como a Belém-Brasília ou a

Cuiabá-Porto Velho. O resultado foi a formação de aglomerados urbanos em suas margens, e a mudança na forma de ocupação até então vigente na região.

Através da abertura de novas vias de acesso à Amazônia pelas rodovias, o fluxo populacional em direção a Rondônia apresentou maior intensidade, muito devido aos projetos de colonização do INCRA. Esses tiveram grande impacto na organização regional, em que a gestão territorial pelo governo federal criou no estado três projetos fundiários: o Projeto Integrado de Colonização (PIC), que destinava terras para famílias camponesas, com predomínio de lotes de 100 ha, com criação de certa infraestrutura social; o Projeto de Assentamento Dirigido (PAD), para agricultores mais experientes e com capacidade de lidar com créditos bancários, variava entre 250 a 1000 ha (AMARAL, 2004); e o Projeto de Assentamento Rápido (PAR), que tinham menor tamanho, 50 ha, sem nenhum tipo de estrutura física fornecida pelo Estado, nesse caso, os colonos tinham apenas uma picada em meio a floresta para chegar à gleba de seu lote (SOUZA; PESSÔA, 2009), esse último foi criado na década de 1980 de forma emergencial, para atender a grande demanda populacional que chegava à região.

Acompanhando o processo de colonização e urbanização da fronteira amazônica em Rondônia, a região passou por grande transformação em sua organização espacial com a substituição da cultura extrativista de subsistência pela produção agropecuária voltada ao mercado (SILVA, 2014, 2015). A instalação de novos objetos técnicos ao espaço favoreceu a produção e a circulação, inclusive com a participação em circuitos globalizados de produção agropecuária como a soja e a pecuária (SILVA, 2014, 2015). Além de integrar esses circuitos produtivos, outras atividades também foram introduzidas com abrangência local, regional e/ou nacional, dentre elas a cafeicultura.

A partir de sua introdução em Rondônia, o café ganhou grande importância para o agricultor familiar, que além de uma relação cultural com essa atividade agrícola, identificou nela uma boa forma de desenvolver sua propriedade. Atualmente a cafeicultura é a terceira atividade agrícola em área plantada: a soja apresenta uma área de 233.605 ha; o milho ocupa 175.952 ha; e o café 79.975 ha. Em relação ao valor total da produção, a atividade aparece como a quarta principal do estado: a soja gerou 609.560 mil reais; a mandioca 411.146 mil reais; o milho 305.143 mil reais; e o café 288.547 mil reais em 2015 (IBGE, 2017).

A importância adquirida pela cafeicultura está ligada diretamente à origem das famílias que chegaram a Rondônia, pois grande parte era oriunda do Espírito Santo e Paraná, importantes unidades federativas produtoras dessa cultura agrícola, assim, por já terem a prática nessa atividade, introduziram seu costume à região (BINSZTOK, 2006). Outro fator importante para a introdução da cafeicultura em Rondônia deu-se por se tratar de uma cultura perene e exigir a mão de obra familiar envolvida na produção, contribuindo para a territorialização do migrante camponês à sua nova propriedade, atendendo às exigências do INCRA para que pudessem receber o título definitivo da propriedade (MARCOLAN, et. al., 2009).

Esse momento de formação socioespacial de Rondônia, introdução da cafeicultura e de territorialização do migrante é definido por nós como um primeiro período do desenvolvimento da cafeicultura, que vai de 1970 a 1990. Era um momento com baixa condição técnica das famílias que chegavam no estado, tendo no facão e machado as principais ferramentas para abertura da floresta e formação dos estabelecimentos rurais, além da dependência dos períodos de seca para atear fogo nos arbustos cortados, e do período chuvoso para florescimento das plantas (THÉRY, 2012), mesmo assim, as safras de café já representavam grande importância para os agricultores familiares.

O segundo período da cafeicultura em Rondônia, *Afirmção da cafeicultura rondoniense (1990 a 2001)*, demonstra uma mudança na forma de produção. Com maiores conhecimentos sobre as características edafoclimáticas da região, os agricultores familiares substituem a espécie *Coffea arábica L.*, mais adaptada a condições climáticas frias e relevos elevados; pelo *Coffea canephora*, do tipo robusta ou conilon, por serem plantas mais rústicas e adaptadas a elevadas temperaturas e pluviosidade, além de relevos mais baixos (SOUZA, et. al, 2004). Essa substituição refletiu em aumento da produção estadual, passando a figurar entre os principais estados produtores de café do país, além de tornar-se o segundo principal do café canéfora.

O terceiro período, *desaceleração da produção de café (2002 a 2010)*, ocorreu logo em sequência da maior safra do estado, no ano de 2001, com mais de 4 milhões de sacas de 60kg, porém a superprodução de café, acompanhada da introdução de novos produtores mundiais como o Vietnã e a brusca queda no valor pago gerou certo desestímulo ao agricultor familiar (OLIVEIRA; VENEZIANO, 2001; ROSA NETO; COLLARES, 2006), resultando por parte de muitos na substituição do café por outras atividades como o gado leiteiro e hortifrúti.

Mesmo durante esse período de desaceleração da atividade cafeeira em Rondônia, alguns agricultores permaneceram no seu cultivo, isso porque possuía cafezais com boa produtividade resultante de manejo e solo fértil. Outro aspecto que levou agricultores a se manterem produzindo, mesmo com a possibilidade de perdas econômicas era a questão cultural de trabalhar com o café, reduzindo a área plantada, mas ainda destinando uma parte de seu estabelecimento a essa produção.

O último período, *modernização e incremento técnico-científico à produção (a partir de 2010)*, inicia-se a partir de 2010, com o incremento da ciência no meio produtivo, em que a tecnologia possibilita a melhoria dos resultados obtidos na produção. Essa transformação ocorre devido a um conjunto de ações políticas em torno do (re)fortalecimento da atividade.

A modernização aqui referida aponta para uma grande mudança no trato do café, além da implantação de novos objetos técnicos que substituam a dependência da natureza, como a importância do sistema de irrigação, além da adoção de mudas clonais, adaptadas as condições edafoclimáticas e com maiores índices de

produtividade (Figura 1). Segundo a EMBRAPA, o cultivar clonal BRS Ouro Preto, desenvolvido pela agência e único ainda com procedência de origem no estado, apresenta uma produtividade de 70 sc/ha, podendo alcançar até 110 sc/ha em caso de irrigação, enquanto a planta tradicional apresenta uma produtividade de 21 sc/ha (EMBRAPA, 2015).



Figura 1 - Café clonal irrigado, modernização técnica com a introdução de novas formas à produção.

Foto: SANTOS, T. R. S.

Para divulgar e auxiliar na adoção de novos cultivares e técnicas de manejo que representem maior produtividade e uma modernização da cafeicultura em Rondônia, formou-se um *círculo de cooperação*, responsável por interligar as diversas etapas produtivas do *circuito espacial de produção* (CASTILLO; FREDERICO, 2010) composto por empresas públicas e privadas que atuam como agentes do capital industrial, incentivando os agricultores familiares a atenderem as exigências do mercado.

Cada empresa tem um papel no círculo de cooperação: a EMBRAPA atua na pesquisa de novos cultivares e de novas práticas de manejo; a EMATER dissemina as informações entre os agricultores; a Câmara Setorial do Café atua junto ao governo do estado, através da SEAGRI, na formação de políticas públicas para o setor; o SEBRAE, também em parceria com o governo do estado, propõe a capacitação empreendedorista do produtor familiar; As instituições financeiras, também em conjunto com os outros órgãos, disponibilizam linhas de crédito ligadas ao PRONAF para a cafeicultura; além de empresas privadas fornecedoras de insumos, que participam das

atividades extensionistas na divulgação de novos produtos para a produção de café.

Diante da atuação desses agentes na divulgação da modernização técnica exigida pelo mercado controlador da cafeicultura, desde 2010, gradativamente mais agricultores familiares tem passado a adotar as inovações técnicas, e com a necessidade de café canéfora pela indústria e melhoria das qualidades do produto rondoniense, novamente a produção estadual passa a integrar o circuito espacial de produção em escala nacional e internacional, além da formação de regiões produtivas de café (Figura 2), em que passa a haver uma especialização do agricultor familiar, apesar da permanência da atividade policultora.

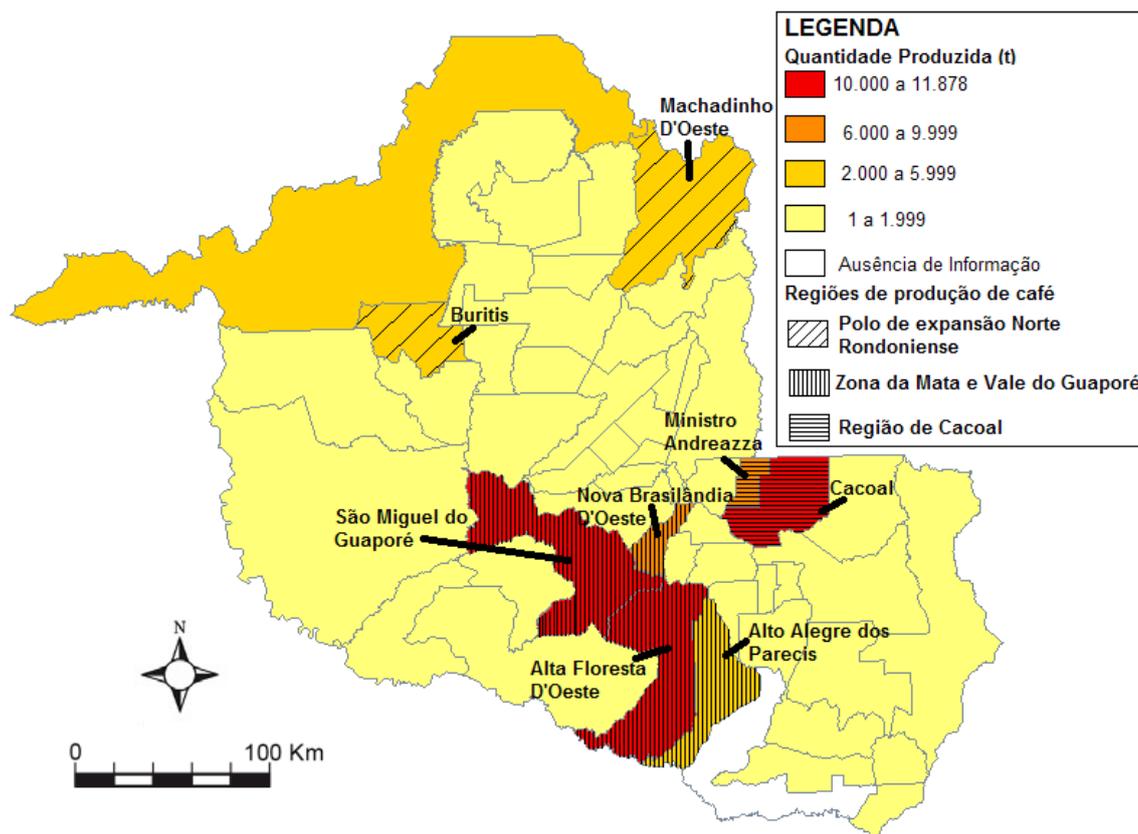


Figura 2 - Regiões produtivas de café em Rondônia (2015).

Fonte: IBGE, 2016 (PAM). Org.: SANTOS, T.R.S Elaborado com Philcarto e Paint.

A formação das regiões produtivas de café e de dois polos de expansão no norte rondoniense, demonstram o papel dos agentes do círculo de cooperação atuando em favor da modernização técnica da atividade no estado de Rondônia, contribuindo na formação de áreas especializadas para o atendimento do mercado e participação do circuito espacial de produção como regiões do agronegócio do café, como é propagado pelo poder público.

### 3 | SUJEIÇÃO DO AGRICULTOR FAMILIAR DE RONDÔNIA AO CAPITAL INDUSTRIAL

A ampliação da escala de atuação do café rondoniense e a participação no circuito espacial de produção em nível nacional e internacional colocam a atividade interligada às dinâmicas do mercado globalizado, com oscilações dos preços nas bolsas de valores devido as relações de oferta e procura, além de ter a obrigatoriedade de cumprimento das exigências do setor industrial em relação a qualidade e condições da produção.

Aproveitando-se da tendência cultural na produção cafeeira em Rondônia e das necessidades de matéria-prima pelo setor industrial, os agentes do círculo de cooperação têm incentivado a introdução de uma produção modernizada aos agricultores, incluindo-os no circuito espacial de produção em escalas nacional e internacional. O incentivo realizado pelo poder público em conjunto com o capital, sujeita o agricultor familiar ao mercado, ficando este dependente das relações comerciais e interesses dos agentes hegemônicos que controlam as ações no setor, ou seja, de forma vertical, com imposição de suas exigências, passa a ocorrer um uso corporativo do espaço rondoniense (SANTOS, 2014).

A apropriação pelo setor industrial na definição da forma de produção em Rondônia, inclui a região à dinâmica capitalista, ampliando a área de atuação deste e interferindo na forma de organização dos estabelecimentos rurais, que passam a ser obrigados a adequar-se às exigências do mercado. Um exemplo dessa transferência de exigências da indústria aos agricultores familiares ocorreu em palestra proferida pelo Sr. Pedro Malta, representante da empresa Nestlé, em evento de divulgação da Lei Estadual nº 3.516/2015, que define o dia 10 de abril como o “Dia de início da colheita do café” no estado, realizado na Câmara Municipal de Cacoal. Nessa ocasião, a palestra apontou para a necessidade de organização da produção estadual em atender as exigências da indústria, definindo uma padronização dos cultivares clonais, manejo das plantas e até mesmo forma de secagem do café, ou seja, utilizando-se da possibilidade de compra da safra estadual, o capital industrial impõe requisitos aos agricultores, sem necessariamente gerar investimento no local, apenas especulando interesse na produção.

Outra demonstração de que com a modernização técnica e a atual organização do circuito produtivo os agricultores tornam-se dependentes do mercado, ocorreu nesse início de 2017, em que, a Câmara do Comércio Exterior (CAMEX), autorizou a importação de 1 milhão de sacas de 60 Kg do café robusta entre fevereiro e maio desse ano. A medida visava atender a demanda das indústrias de café solúvel, que devido às reduções da safra por problemas hídricos, principalmente no Espírito Santo, teria problemas para concorrer no mercado mundial pagando mais pelo valor da saca de café aqui no país (ABICS, 2017). Nesse caso, a preocupação é somente com os interesses do capital industrial, sem observar os impactos que pudessem geral aos

agricultores familiares que são descapitalizados e dependentes da comercialização de sua safra. Segundo o indicador CEPEA/ESALQ da Universidade de São Paulo, a autorização das importações pressionou as cotações dos preços pagos ao agricultor, resultando em queda de 5% (CEPEA, 2017), ou seja, apesar de todos os esforços para incentivar a modernização por parte das famílias na produção de café, o poder público ainda atuou como um agente do capital ao ignorar todo o investimento realizado e atender aos pedidos do capital industrial.

O poder público também atua como agente do capital ao criar uma *psicosfera* (SANTOS, 2014) em torno do agronegócio, classificando os agricultores familiares como integrantes desse setor, mesmo sendo descapitalizados, policultores e produzindo em pequenos estabelecimentos rurais. Se a propaganda do governo não ocorresse favorecendo o capital, mas fortalecendo a agricultura familiar, esses poderiam obter maior protagonismo no circuito espacial de produção do café.

Por fim, outro aspecto que dificulta a condição dos agricultores familiares produtores de café em Rondônia é a falta de organização coletiva. Segundo Wilkinson (2008), ampliar a área de atuação de seus produtos e produzir em grandes escalas tende a ser uma das principais dificuldades da agricultura familiar, que poderia ser superada pela organização coletiva e a modernização da atividade. O processo de mudança técnica já tem ocorrido, mesmo que sendo incentivado pelos agentes controladores do mercado, nesse caso, a dificuldade dos agricultores de Rondônia em organizar-se de forma conjunta, para fortalecer o poder de negociação e eliminar intermediários entre as etapas de produção, acabam contribuindo para sua sujeição ao capital e reduzindo seu papel dentro do circuito espacial de produção, que se resume a produzir matéria-prima, sem possibilidade de exigências e negociações.

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estado de Rondônia no decorrer de sua formação socioespacial, a partir da década de 1970, recebeu grande fluxo migratório de pessoas oriundas de diversas regiões do país, principalmente do Espírito Santo e Paraná. A forte produção de café nesses estados contribuiu para que os colonos que chegavam na região introduzissem essa atividade em suas terras recebidas pelo INCRA, colocando o estado como um dos principais produtores de café do país.

No decorrer dos anos, intensificou-se a cafeicultura em Rondônia, chegando atualmente em um momento de modernização técnica da atividade, de forma que atenda aos interesses do capital industrial e amplie sua escala de atuação no circuito espacial de produção do café, alcançando o mercado nacional e até mesmo internacional. Essa transição técnica atual é resultado da atuação dos agentes do círculo de cooperação, que interligam as diversas etapas do circuito produtivo, sendo responsáveis pelo fluxo imaterial (capital, normas, informações e etc.) (CASTILLO; FREDERICO, 2010). A consequência dessa modernização é a formação de regiões

produtivas de café especializadas na atividade, apesar da manutenção da policultura e da estrutura agrária familiar.

Com a inclusão dos agricultores familiares, descapitalizados, ao circuito espacial de produção controlado pelo capital industrial, os produtores acabam tornando-se subordinados às exigências deste. Dessa forma, o espaço rondoniense passa a atender as necessidades do mercado, inclusive sujeitando os agricultores, que devido a dificuldade em organizarem-se de forma coletiva, não conseguem obter protagonismo nas negociações, tornando-se dependentes dos representantes do capital.

## REFERÊNCIAS

ABICS. **Importação de café conilon é inevitável, avalia indústria de solúvel**. 2017. Disponível em: <[www.abics.com.br](http://www.abics.com.br)> Acesso em: 03 de mar. 2017.

AMARAL, J. J. Rondônia: Colonização de novas terras. In: **Presença**, Porto Velho, n.11, v.1, mar. 1998, p. 1 – 5. Disponível em: <<https://goo.gl/WoCgKG>> Acesso em: 15 de nov. 2015.

\_\_\_\_\_. **Mata Virgem: Terra Prostituta**. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

BINSZTOK, J. Agricultura familiar na Amazônia: o contexto da cafeicultura no centro de Rondônia. **Geografias**, Belo Horizonte, v. 02, n. 1, p. 22 – 33, jan./jun. 2006. Disponível em: <<https://goo.gl/LghCtU>> Acesso em: 17 de set. 2014.

CASTILLO, R.; FREDERICO, S. Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. In: **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, n.3, v. 22, dez. 2010, p. 461-474. Disponível em: <<https://goo.gl/Xj6VEr>> Acesso em: 18 de ago. de 2015.

CEPEA. **Com importação autorizada e recuo comprador, robusta cai 5%**. CEPEA/ESALQ: Universidade de São Paulo, 2017. Disponível em: <[www.cepea.esalq.usp.br](http://www.cepea.esalq.usp.br)> Acesso em: 03 de mar. 2017.

EMBRAPA. **Nova cultivar de café tem potencial para mudar realidade do campo na Amazônia**. 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/lhJPbx>> Acesso em: 27 de nov. de 2015.

IBGE. **Pesquisa Agrícola Municipal**, SIDRA, 2017. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>> . Acesso em: 03 de mar. de 2017.

\_\_\_\_\_. **Censo Agropecuário 2006**, 2016. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>> Acesso em: 03 de maio de 2016.

LOUREIRO, V. R. **A Amazônia no século XXI: as novas formas de desenvolvimento**. São Paulo: Empório do livro, 2009.

MARCOLLAN, A. L. et. al. **Cultivo dos cafeeiros Conilon e Robusta para Rondônia**. 3º ed. Porto Velho: Embrapa Rondônia: EMATER-RO, 2009.

OLIVEIRA, S. J. de M. e VENEZIANO, W. Aspectos econômicos da produção de café na região central do estado de Rondônia. In: Simpósio de pesquisa dos cafés do Brasil, 2, 2001, Vitória, **Anais...** Resumo expandido, p. 2123-2129. Disponível em: <<https://goo.gl/4aicxa>> Acesso em: 10 de fev. 2015.

ROSA NETO, C. e COLLARES, D. G. A importância da agricultura familiar no contexto do agronegócio café em Rondônia. In: Congresso da SOBER, 44, 2006, Fortaleza. **Anais...**Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, p. 1 – 17.

SANTOS, C. **A fronteira do Guaporé**. Porto Velho: EDUFRO, 2001.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. 7°. reimp. 4° ed. São Paulo: EDUSP, 2014.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. O **Brasil**: Território e sociedade no início do século XXI. 11° ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SILVA, R. G. da C. **Dinâmicas territoriais em Rondônia**: conflitos na produção e uso do território no período de 1970-2010. 2010. 222 f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

\_\_\_\_\_. Das margens do Madeira ao interior da floresta: percursos da formação socioespacial de Rondônia (1970-1995). In: ALMEIDA SILVA, A. de; NASCIMENTO SILVA, M. das. G. S.; SILVA, R. G. **Colonização, Território e Meio ambiente em Rondônia**: Reflexões Geográficas. Curitiba: SK editora; Porto Velho: PPGG/UNIR, 2012. p. 58-82.

\_\_\_\_\_. Espaço, Sociedade e Natureza em Rondônia. In: **GeoAmazônia**, Belém, n.2, v. 1, jan./jun. 2014, p. 144 – 165. Disponível em: <<https://goo.gl/ORDqKi>> Acesso em: 20 de mar. de 2015.

\_\_\_\_\_. Amazônia Globalizada: da fronteira agrícola ao território do agronegócio – o exemplo de Rondônia. In: **Cofins**, n. 23, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/nMO6Ca>> Acesso em: 09 nov. 2015.

SOUZA, F. de F., et. al. **Características das principais variedades de café cultivadas em Rondônia**. Porto Velho: Embrapa Rondônia, 2004.

SOUZA, M. M. O. de; PESSÔA, V. L. S. A contra-reforma agrária em Rondônia: colonização agrícola, expropriação e violência. In: Encontro de Grupos de Pesquisa: agricultura, desenvolvimento regional e transformações socioespaciais, 5, 2009, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: UFMS, 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/VKSYwW>> Acesso em: 31 de mar. de 2016.

THÉRY, Hervé. Rondônia - Mutations d'un Territoire fédéral en Amazonie Brésilienne. Paris, Université Paris I, 1976. 233 p. (Tese de Doutorado), tradução **Rondônia mutações de um Território federal na Amazônia federal**, SK Editora, Curitiba, 2012. 304 p.

WILKINSON, J. **Mercados, redes e valores**: o novo mundo da agricultura familiar. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-85107-78-9

